

Os Ovóides

“Quais os sofrimentos maiores a que os Espíritos maus se vêem sujeitos?”

“Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Mesmo o que as sofre teria dificuldade em vos dar delas uma idéia. Indubitavelmente, porém, a mais horrível consiste em pensarem que estão condenados sem remissão.”

O Livro dos Espíritos, questão 973.

Fomos, então, convidadas a regressar ao quarto. Percebendo-lhe os olhos marejados, a fim de não sermos indelicadas, Selena pronunciou:

— Irmão Cícero, gostaria de fazer algumas questões sobre o vídeo da cirurgia, desde que não cause constrangimento. Posso?

— Estamos em visita de amor e aprendizado, minha irmã, fique à vontade! Não se preocupem com Marcondes. Em verdade, seu estado é sintoma de melhora. Nesta casa de amor, as lutas uns dos outros são lições vivas para a caminhada de todos. Não se acanhe em indagar. Quanto mais, melhor!

— Enquanto fazíamos as visitas na ala, Ermance explicava-me detalhes da história espiritual do nosso querido companheiro. Também tive minhas histórias afetivas... e...

— Seja bem clara, Selena! – interveio o professor. Nós quatro, nessa singela reunião, formamos a escola espontânea

da vida. Não será justo com a Misericórdia Celeste, tão abundante conosco, adiarmos mais as lições de que necessitamos. Basta a fuga que empreendemos enquanto na carne.

— Não sei se serei inconveniente... Posso utilizar a história de Marcondes para minhas indagações?

— Marcondes, responda você mesmo.

— Só agora começo a perceber a natureza de minhas faltas e o bem que me faz colocá-las sob a luz da Verdade. Creio, Selena, que suas indagações ajudarão aos meus raciocínios ainda intimidados pelo remorso.

— Embora não conheça, o nome Eulália calou-me fundo na alma... Se perguntar sobre ela, não lhe causará incômodo?

— São as perguntas de que mais anseio saber nesta hora – respondeu o dirigente algo entristecido e saudoso.

— Qual a situação espiritual de Eulália neste drama vivido pelos nossos irmãos, professor?

— Eulália foi uma abortista repetente. Adquiriu contas extensas nas questões afetivas, em inúmeras vivências levianas. Com esse comportamento, adotado em sucessivas oportunidades corporais, consorciou-se com as falanges desencarnadas da devassidão no mundo – pregadores da alucinação dos prazeres em detrimento das alegrias da alma. Foi uma fria destruidora de lares. Não acreditava nos laços de família, uma vez que sua história, a essa época, foi vivida nos tristes cenários da Veneza das cortesãs, no ano 1315. Na sucessão dos atos tresloucados, exauriu suas forças ao longo do trajeto, passando a colher os frutos de suas malfadadas decisões. Foi na França, no ano de 1574, que ela atolou-se em lamentável história de devassidão. Preparada para renascer, depois de resgatada das malhas obsessivas de impiedosos vampiros, receberia vínculos do coração cruelmente lesados pela sua insânia. Corações que caminhavam para os labirintos sombrios da deformação perispiritual, depois de séculos no ódio desenfreado.

— Eulália os receberia como filhos? – indagou Selena

tomada pela curiosidade.

— Ela receberia oito laços afetivos que tomavam o caminho da ovoidização, conquanto, guardando ainda algum lampejo de consciência. Todos seriam creditados à sua maternidade para reerguimento moral pelo acolhimento afetivo.

— Ela conseguiu? – Indagou novamente Selena.

— Infelizmente, não! Abortou a todos.

Diante da resposta, Selena teve um mau súbito como se a história lhe calasse fundo à alma.

— Está tudo bem, Selena?

— Sim! O assunto me toca profundamente... É só isso!

— Tome um pouco de água.

Selena suspirou para continuar, quando Marcondes exclamou:

— O senhor disse que foi nessa época a sua grande queda!...

— A Lei tem códigos inderrogáveis. O circuito de forças gerado pela maldade tem vida específica. Eulália, nessa época chamada Condensa Isabelle Pyrré, de família nobre na corte francesa, trazia a marca psíquica da mulher de muitos crimes ocultos. Sua constituição perispiritual adaptou-se vibratoriamente ao campo de “forças de retração”, ou seja, uma teia psíquica na qual são capazes de pernoitar longamente os efeitos de suas atitudes irresponsáveis. Foi assim que os oito filhos expulsos se agregaram ao seu psiquismo em regime de vampirismo espontâneo. Passaram a viver nove almas em um só corpo...

— Professor! – interrompeu Selena – mas e a interferência dos espíritos amigos?!

— Como disse, Eulália era repetente obstinada. É da Lei que, depois de todos os recursos da Bondade, cada alma seja entregue às suas obras, em regime expiatório sob sanção da dor corretiva.

— Isabelle desencarnou nessas condições?

— Ao longo desse “condomínio psíquico”, seus

desafetos entraram automaticamente em processo de ovoidização depois dos abortos. Tudo era previsível segundo os técnicos da reencarnação. Ou reencarnavam, ou se acoplavam à mãe. Um quadro expiatório cujos limites estavam todos superados, em razão do descaso contumaz do coração leviano de Isabelle. Ela passou para a vida dos espíritos, carregando em si os efeitos desastrosos de suas decisões. Socorrida e amparada novamente, já é seu terceiro retorno nessas condições. Teve oito ovóides alojados em seu útero até a pregressa experiência como Eulália.

— Mas, professor! — exclamou Marcondes — é possível? Tenho dificuldades em assimilar essas ocorrências.

— Por qual motivo?

— Parecem-me injustas!

— Somente quando estamos prontos para olhar o passado e analisar a trilha sanguinária do mundo, da qual raríssimos de nós escapamos, poderemos entender as razões de semelhantes tragédias da caminhada. O que falta ao homem espírita é visão sistêmica, processual. Desconhecendo detalhes da trajetória de Eulália-espírito, fica difícil compreender o resultado infeliz de suas atitudes. A Lei Natural é a mesma em qualquer circunstância. Não lhe passa na mente o sentido divino dessa experiência?

— Nem imagino! — respondeu Marcondes com sinceridade.

— Eulália abriga, na sua intimidade, oito almas dilaceradas pela maldade. Não lhe ocorre que, nessa condição desditosa, ela é a mãe em regime de expiação? Não lhe passa pela mente a idéia de que o ventre de nossa irmã é visto pela Celeste Misericórdia como uma “acolhedora incubadora defensiva”? Que seria desses oito enfermos se estivessem à solta nas mãos criminosas dos vampiros inteligentes? Que seria da própria mãe na mão dos gênios da maldade? A situação de Eulália é a da “sanção corretiva”. Dor-resgate, dor-evolução. Suas enfermidades dolorosas foram freios contra a loucura

desenfreada. Suas energias físicas foram mantas psíquicas para os filhos implantados. É a lei de solidariedade em níveis inferiores. *A cada qual, segundo suas obras.*⁽¹⁾ Eulália foi gerada em tumultuada gravidez. Aos três anos de idade, apresentou a primeira anomalia, um corrimento com constituição sangüínea. Aos seis, seu abdômen era tomado por inchaços intermitentes. Raramente, ela conseguia se ausentar do corpo com facilidade para o sono refazente. Aos nove, teve seu primeiro ciclo menstrual, anovulatório. Aos onze, teve um quadro semelhante a uma gravidez tubária, porém sem relacionamentos sexuais, experiência que se repetiu - formas teratológicas eram geradas sem cópula. Cistos e miomas, rins e vesículas alterados em seu funcionamento. E, por fim, o câncer destruidor. Todo esse rol de dores foi alvo das mais diversas formas de abrandamento em favor de nossa irmã. Entretanto, a dor-sentimento, aquela que retumbava na sua intimidade consciencial, constituía prova da qual nenhum de nós tinha o direito de interferir. De longe, as dores físicas poderiam ser comparadas aos gládios de depressão e solidão vividos por Eulália. Já imaginou o que significa para uma mulher sentir a desesperadora sede afetiva de acalantar um rebento e não consegui-lo? Nossa irmã, em razão de seu quadro, carregava mais grave prova. Sentia que tinha os filhos no próprio ventre, embora não soubesse explicar a raiz de tal emoção. Em face disso, psiquiatras eminentes catalogaram-na como candidata a psicoses graves. Seus sonhos eram povoados de crianças que lhe achincalhavam o corpo com magotes dilacerantes. Acordava com insônia persistente, acariciando o abdômen como se estivesse grávida para, depois de alguns segundos, despertar completamente da miragem e entregar-se à tristeza. Vezes sem conta, ouvia sonidos e silvos, acreditando-se louca. Eram expressões sonoras das formas desumanizadas que portava em si própria.

Marcondes ouvia a tudo como se fosse narrada sua própria história. Ensimesmado, com o olhar fixo no professor,

parecia distante no tempo. Repentinamente, tomado de muita emoção expressou:

— Aquele ser que saiu de mim é meu filho!

— Marcondes, está tudo bem? — perguntou o professor.

— Vejo cenas na minha mente. Uma mulher parisiense muito bela. É Isabelle Pyrré. Meu Deus! Que nitidez de visões! Nunca experimentei algo assim! Ela é linda! Ela é linda! Que saudades, professor!...

Num átimo, professor Cícero pediu-lhe que fechasse os olhos e colocou a mão direita no centro frontal de Marcondes, como fizesse leve massagem no sentido horário. O dirigente recobrou sua lucidez e mostrou-se defasado em razão da experiência. Refeito, depois de instantes, ele indagou:

— Sou o pai de um daqueles oito?

— Sim, Marcondes. Seus laços com Eulália ultrapassam a fronteira do tempo presente. Sua história transcende o mero encontro extraconjugal da recém-finda vida corporal.

— Deus! Tem piedade de nós!

Novo pranto tomou conta de Marcondes, emocionando, igualmente, Selena e a nós.

— Acalme-se, amigo! Sua experiência com Eulália, conquanto o adultério infeliz, não significa falência e queda. Seu caso é de negligência e adiamento que, descuidadamente, muitos companheiros de lide doutrinária têm se entregado.

— Não consigo mensurar a extensão de minha falta, professor!

— Agradeça a Deus, meu filho, por estar nesta casa de bênçãos. Não queira saber o que acontece com irmãos da doutrina que fazem o mesmo trajeto, acrescido da leviandade no coração... Aqui você terá tempo e ocasião para realizar o serviço de reerguimento que lhe aguarda. Por isso, abdique, enquanto é tempo, da prepotência que vem tomando conta de muitos corações sinceros de nossa seara em função do orgulho do saber.

— Tudo me parece muito trágico e sublime ao mesmo

tempo! Que diferença há entre um ato de negligência e leviandade? Não teremos sido levianos, Eulália e eu?

— O bem e o mal se confundem. Que é o mal senão o desejo do bem interpretado sob fascínio do egoísmo? Os negligentes são aqueles que poderiam, mas não quiseram, vencer o mal em si mesmos. São mais descuidados que irresponsáveis. Os levianos são aqueles que sequer desejaram tentar a melhora, optaram pelo caminho do erro, apesar de conhecerem a Verdade. Imagina onde estariam você e Eulália, se estivessem entregues aos despenhadeiros da leviandade incontida nesta hora?

— Mas e nossa atitude? Não devíamos!... Eu aceitava com tanta lealdade as minhas tendências nessa área... Esforcei-me com sinceridade para não tomar esse caminho, a despeito dos impulsos enfermos que carregava... Não sei explicar como cheguei nesse ponto...

— Não basta aceitar as imperfeições. É mister senti-las a fim de reeducá-las a contento. Há muitos companheiros de ideal repetindo frases chavões acerca de si mesmos, sem internalizá-las realmente nas fibras do sentimento. Quando sentimos o dever, somos impulsionados aos mais amplos vôos de elevação.

— Que conseqüências existem para um negligente, professor? São menores que para um leviano?

— As conseqüências são claras: culpa, morte, doença, remorso tardio... O preço está sendo pago. Contudo não é da Lei que o homem seja punido, e sim que tenha chances de remissão, quando apresente as mínimas possibilidades para esse mister. É o seu caso e de Eulália. Quanto aos levianos, chegará o momento em que você poderá comprovar por si mesmo os efeitos de suas ações. Nesta casa, temos milhares deles!... Futuramente, em visitas fraternas, verá com seus próprios olhos.

— Como está Eulália hoje?

— Bem melhor. Trabalha ativamente na câmara dos ovóides nesta casa e se tornou, por seus méritos, a responsável

por alimentá-los e realizar tarefas somente afeitas a técnicos muito experientes.

— Não poderia vê-la agora?

— Para o seu próprio bem, esse reencontro se dará na hora oportuna. Espere um pouco mais.

— E quanto a mim? O que farei pela minha paz?

— Um futuro de esperanças o aguarda. acredite em Doutor Inácio, na sua experiência, e confie-lhe o seu coração.

— Farei isso.

— A propósito, Marcondes – interferiu Selena que acompanhava tudo atentamente – dentro de alguns dias visitarei o meu grupo espírita em companhia de Doutor Inácio e Dona Maria Modesto.

— Aquela senhora no vídeo da cirurgia? – indagou Marcondes.

— Ela mesma. Estou exultante com a oportunidade!

— Fico feliz por você, Selena. Pelo visto, seus caminhos como espírita não foram tão infelizes quanto aos meus!

— Tive minhas lutas, mas encontro-me em paz.

— Fico pensando, se tivesse a coragem de confessar meus segredos...

— Pegando um gancho nessa fala de Marcondes, professor, esses segredos estão sendo muito comuns entre os amigos espíritas? – interferiu Selena.

— Fale por você, querida amiga!

— De minha parte, creio ter sido sempre muito transparente.

— Nem sempre isso vem ocorrendo. Infelizmente, o movimento espírita está tomado por uma crise epidêmica.

— Crise epidêmica?! – mostrou-se curiosa a dirigente.

— A mesma que atacou Marcondes.

— Que epidemia é essa? – manifestou Marcondes.

⁽¹⁾ Apocalipse, 20:12.

II

Visão Ampliada

“Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis.”

Tiago, 5:16

— Você foi vítima da epidemia de sigilo – destacou o professor.

— Epidemia de sigilo?...

— É a atitude de conveniência que sustenta uma espécie de acordo de omissão coletiva. Fenômeno sutil da vida interpessoal. Uma vez assumidas as responsabilidades doutrinárias, seja em que nível for, muitos companheiros têm confundido quantidade de tarefas com elevação espiritual. Assumem cargos, varam os anos em experiências e sentem-se enormes, grandes em espiritualidade, refletindo velhas tendências religiosistas dos prelados de outros tempos. Evidentemente, quem aparenta grandeza espiritual tem que mantê-la, por isso evitam tratar a qualquer tempo sobre as lutas interiores que, segundo imaginam, os diminuiriam no conceito coletivo da seara – grave ilusão! Não dispendo de franqueza suficiente para tratar de seus conflitos íntimos com naturalidade, emudecem quaisquer referências às tormentas pessoais e deixam de ser sinceros consigo e com os outros. Passam a vida mantendo aparências de iluminação e deixam